

PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS DOS FORMANDOS EM AGRONOMIA DA UNIOESTE NO ANO DE 2015

Vanessa Aline Egewarth¹, Silvio Douglas Ferreira¹, Eloisa Mattei¹, Marcelo Augusto Pastório², Jonas Francisco Egewarth¹ e Nardel Luiz Soares da Silva¹

¹Centro de Ciências Agrárias, Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE, Rua Pernambuco 1777, CEP 85.960-000, Marechal Cândido Rondon, PR. E-mail: vanessaaline_egewarth@hotmail.com; agrosilvio@outlook.com; eloisa-mattei@hotmail.com; jonas.egewarth@gmail.com e Nardel.Silva@unioeste.br.

²Centro de Ciências Agrárias, Universidade Estadual de Londrina – UEL, Rodovia Celso Garcia Cid, Pr 445 Km 380, Campus Universitário, CEP 86057-970, Londrina – PR. E-mail: marcelo.pastorio@hotmail.com.

RESUMO: O presente trabalho apresenta as perspectivas profissionais dos acadêmicos de Agronomia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, campus marechal Candido Rondon-PR, formandos no ano de 2015. A pesquisa utilizou um questionário objetivo com perguntas tais como: sexo, estado civil, se trabalha ou não, se participa de algum projeto e qual a sua modalidade, e as perspectivas profissionais ao ingressar e ao concluir o curso. O questionário foi respondido pela mesma turma no ano de 2012, quando os mesmos cursavam o segundo ano do curso, e no ano de 2015, ano de formação da turma. O resultado da pesquisa mostrou que os acadêmicos são em sua maioria homens, solteiros (as), buscam aprimorar seus conhecimentos através da participação em projetos, principalmente de pesquisa, mas objetivam trabalhar em sua grande maioria, com assistência técnica e extensão rural, perspectivas que não sofreram muitas alterações durante o decorrer do curso.

PALAVRAS-CHAVE: emprego, ensino, questionário.

PROFESSIONAL PERSPECTIVES TRAINEES IN AGRONOMY UNIOESTE IN THE YAER 2015

ABSTRACT: This paper presents the employment prospects of academics of Agronomy at the Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE, campus of the Marechal Cândido Rondon-PR, graduates in 2015. The research used a questionnaire with objective questions such as: gender, marital status, and working or not, is part of a project and what their particular sports, and professional perspectives to enter and complete the course. The questionnaire was answered by the same group in 2012, when they were enrolled in the second year of the course, and in 2015, year of training class. The survey results showed that the students are mostly men, single (as), seek to improve their knowledge by participating in projects, especially research, but aim to work mostly with technical assistance and rural extension, prospects have not undergone many changes during the course of travel.

KEY WORDS: employment, teaching, questionnaire.

INTRODUÇÃO

De origem grega (prefixo *agros*, campo cultivado, e *nomos*, lei, tratado sobre o conhecimento) a Agronomia pode ser definida como o conjunto das ciências que estudam as leis ou os princípios teóricos aplicáveis à agricultura, que tem por objetivo principal a explicação de todos os fenômenos complexos que regem a produção vegetal e animal, visando

por esse meio estabelecer as técnicas mais recomendáveis para a exploração racional da terra. O profissional da agronomia, conhecido por muito tempo como agrônomo, é atualmente denominado de engenheiro agrônomo, e diplomado pelas escolas ou faculdades de agronomia, que começaram a surgir no mundo moderno por volta de 1800 na Alemanha (Martins, 1989).

O curso foi criado e regulamentado oficialmente no Brasil após 35 anos do surgimento da primeira escola, através do Decreto Presidencial nº 8.319, de 20 de outubro de 1910 (Brasil, 1910). No entanto, somente a partir da década de sessenta que o Ministério da Educação passou a tratar o ensino da Agronomia como uma questão de formação e não mais como um elemento da política de produção (Cavallet, 1999).

Segundo o Art. 5º, cap. II da Resolução 1.010 de 22 de agosto de 2005 o Engenheiro Agrônomo poderá desenvolver atividades como gestão, supervisão, coordenação, orientação técnica, estudo de viabilidade técnico-econômica e ambiental, direção de obra e serviço técnico, treinamento, ensino, pesquisa, experimentação, divulgação técnica, extensão, fiscalização de obras ou serviço técnico, operação, manutenção de equipamento ou instalação, dentre outros.

O engenheiro agrônomo deve ser um profissional eclético e crítico, voltado às intensas relações humanas, consciente sobre as dificuldades e necessidades do espaço agrário e que saiba fazer uso do diálogo para relacionar-se com o homem do campo (Ahrens, 2002). No entanto o modelo de ensino reprodutivista não atende todas as demandas do mercado. A educação universitária deve formar um profissional que contribua de forma categórica, com busca de um desenvolvimento baseado na eficiência, equidade e sustentabilidade, que é o desenvolvimento desejável para que se diminua a desigualdade social (Cavallet, 1999).

No ano de 1995 foi criado o curso de Agronomia da UNIOESTE no *campus* de Marechal Cândido Rondon com o intuito de apresentar respostas e fazer frente aos problemas regionais, coordenando projetos que viabilizem a agropecuária no oeste paranaense. Tem por objetivo passar ao futuro profissional formação mínima, através de disciplinas, teórico/prática, que lhe permitam atender às necessidades dos produtores (pequenos, médios e grandes) e atuar nos setores públicos e privados, nas atividades de planejamento, ensino, pesquisa, extensão e produção. Com funcionamento em período integral, e uma carga horária total de 5.241 horas-aula, das quais, 160 horas são de atividades acadêmicas complementares, o curso tem tempo mínimo para integralização de 5 (cinco) anos e o máximo de 8 (oito) anos.

No Brasil, estudos verificaram que o desenvolvimento pessoal dos estudantes universitários tem a ver com o ambiente acadêmico e as atividades extracurriculares,

especialmente em aspectos como o raciocínio reflexivo e competência social (Pachane, 1998; Capovilla e Santos, 2001; Fior e Mercuri, 2003).

Após a conclusão da graduação, o jovem passa a por um período exploratório, no qual passa a investigar as possibilidades existentes em sua profissão e procura experimentar-se em diferentes papéis (Super, Savickas e Super, 1980). As oportunidades percebidas de emprego produzem efeitos diferenciados nos projetos profissionais e nas atitudes de jovens concluintes do ensino superior (Neiva, 1996).

Segundo Wilkinson (1971), as decisões de estudantes em relação ao seu futuro profissional, pode ser influenciado pela taxa de retorno. A teoria do capital humano prevê que os retornos associados ao curso superior sejam consideráveis mesmo para trabalhadores que não desempenham funções típicas de sua carreira, já que o ensino aumenta sua produtividade de maneira geral, ainda que talvez seu efeito fosse mais pronunciado para tarefas específicas à sua profissão. Neste sentido, o seguinte trabalho tem por objetivo apresentar as perspectivas profissionais dos formandos em Agronomia da UNIOESTE, no ano de 2015 através de um questionário.

MATERIAL E MÉTODOS

O presente estudo foi desenvolvido a partir de uma pesquisa realizada nos anos de 2012 e 2015, com os alunos do curso de Agronomia da UNIOESTE, *campus* Marechal Cândido Rondon – PR, formandos no ano de 2015.

A pesquisa realizada em forma de questionário com questões fechadas continha as seguintes perguntas: sexo, estado civil, trabalho, alunos cotistas e não cotistas, participa ou já participou de algum projeto e a modalidade, e as perspectivas profissionais ao ingressar e ao concluir o curso.

Entre às perspectivas profissionais tanto ao ingressar como ao concluir o curso, as opções para assinalar eram: trabalhar em empresas privadas com Assistência técnica ou Extensão Rural, trabalhar em órgãos públicos com Assistência técnica ou Extensão Rural, trabalhar em empresas privadas com pesquisa, trabalhar em órgãos públicos com pesquisa, trabalhar como autônomo em empresa própria, continuar os estudos (pós-graduação), trabalhar em propriedade rural própria, trabalhar na propriedade dos pais e/ou familiares, não sei, e outros (quais?).

A coleta de dados teve início com um trabalho prévio entre Coordenação do curso e Centro Acadêmico. A aplicação dos questionários foi realizada por alunos selecionados pelo

Centro Acadêmico de Agronomia, em dois períodos, em julho de 2012, quando a turma em estudo frequentava o segundo ano do curso, e em abril de 2015, ano de conclusão do curso.

Após a coleta dos dados, fez-se a análise e interpretação dos mesmos. De acordo com o plano amostral, foram repassados questionários para todos os discentes matriculados na turma, no entanto, apenas 52,5% deles responderam o questionário no ano de 2012 e 75% no ano de 2015, pois o preenchimento do mesmo não era obrigatório. Os dados foram tabulados e submetidos à formação de gráficos com o auxílio do Office Excel.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dos graduandos que se propuseram a responder o questionário no ano de 2012, 14,29% são do sexo feminino e 85,71% do sexo masculino, sendo todos solteiros. Já no ano de 2015, o público alvo da pesquisa era composto por 23,33% de mulheres e 76,67% de homens, e destes, apenas um aluno, correspondendo a 2,5% da turma, mudou seu estado civil de solteiro para casado. Além de serem minoria na profissão, de acordo com o IBGE o rendimento médio das mulheres brasileiras equivale a 72,3% da renda média dos homens, dado que foi comprovado no estudo realizado por Romão (2013) com egressos do curso de Agronomia da UFSC, onde 88,88% das agrônomas formadas possuíam renda menor que a garantida por lei.

Apesar de a universidade disponibilizar apenas 40% de suas vagas para alunos cotistas oriundos de escolas públicas, 52,38% dos avaliados em 2012 e 56,67% em 2015 eram cotistas, demonstrando maior interesse destes alunos de participar da pesquisa.

No início do curso, 14,29% dos acadêmicos trabalhavam, enquanto que em 2015 esse valor subiu para 16,7%, os quais podem ser considerados altos ao se levar em consideração o fato do curso ser de turno integral.

Quando se questiona a participação em projetos de diversas modalidades, observa-se um grande interesse dos acadêmicos, pois 71,43% e 93,33% dos acadêmicos nos anos de 2012 e 2015 respectivamente participam ou já participaram de algum projeto. Destes, 66,67% participaram de projetos de pesquisa e 33,33% de projetos de extensão no ano de 2012, enquanto que em 2015 esse percentual aumentou para 85,71% de projetos de pesquisa, 35,71% de extensão e 7,14% de monitoria. Os valores demonstram o grande interesse dos acadêmicos em ampliar seus conhecimentos, além do que é repassado em sala de aula, tornando assim, a sua formação mais completa.

Mas esses valores não foram semelhantes no estudo realizado por Romão (2013), onde 22,04% dos egressos do curso de Agronomia da UFSC afirmaram ter participado de estágios

não remunerados, 20,97% de grupos de estudo, 19,89% de projetos de pesquisa e 13,98% de projetos de extensão durante a graduação.

Ao se comparar as perspectivas profissionais dos alunos no início e ao concluir o curso, observou-se que não houve grandes alterações, como apresentado na Figura 1.



Figura 1 - Perspectivas profissionais ao iniciar e ao concluir o curso de Agronomia da UNIOESTE dos alunos formandos do ano de 2015.

Apesar de não ter o mesmo número de alunos respondendo os questionários em 2012 e em 2015, e os alunos poderem optar por mais de uma opção, os resultados apontam uma tendência dos acadêmicos terem preferência em trabalhar com assistência técnica na extensão

rural. Resultado que surpreende ao comparar com o número de alunos que optam por trabalhar em projetos de extensão durante a graduação. Este resultado pode estar relacionado com o fato de a área oportunizar maior número de vagas, comparados às outras possibilidades de emprego dos recém-formados.

No estudo de Romão (2013), 40,32% dos egressos em Agronomia estão trabalhando em empresas privadas, 35,48% em empresas públicas, 6,45% são autônomos, 4,84% estão em associações e cooperativas, 3,23% possuem empresa própria, e 1,61% desempenham sua atividade em ONG.

No entanto Artuzo et al. (2012), ao avaliar as perspectivas profissionais dos discentes em Agronomia da UFSM, observou que 47,46% pretendem trabalhar e realizar uma pós-graduação, 15,25% somente trabalhar em empresa privada, 15,25% somente trabalhar em empresa pública, 3,39% realizar apenas a pós-graduação, e 3,39% outros. Neste mesmo estudo, 29,79% disseram estar se preparando para o mercado de trabalho, e 28,72% buscam aperfeiçoar o conhecimento sobre a área de interesse além da realização profissional.

Assim como neste trabalho observou-se um aumento dos alunos interessados em continuar os estudos no fim do curso, Romão (2013) apresenta que 37,10% dos egressos avaliados afirmaram ter realizado algum tipo de especialização e 33,87% estão realizando. As mulheres são as que mais buscam se especializar, e em níveis maiores, dado este que pode estar relacionado ao percentual de mulheres exercendo a profissão, que é inferior ao dos homens.

Em geral, poucos alunos avaliados na pesquisa continuam indecisos quanto ao seu futuro profissional, ainda que não tenham realizado o estágio curricular obrigatório. Para Roesch (2005), é a partir dele que os alunos aprofundam seus conhecimentos e habilidades adquiridos na Universidade, os quais serão aplicados em organizações, através de diversas situações que favoreçam a proposição de sistemas, avaliação de planos ou programas, teste de modelos e instrumentos que venham colaborar na construção de conhecimentos e aprendizagem da realidade profissional.

As atividades extracurriculares cumprem papel importante na formação, habilitando-o a ter capacidade de textualizar conhecimento, de problematizar, de dar opiniões criativas e de desafiar temáticas tradicionais a novos enfoques (Moura, 2005). Ou seja, o sistema produtivo requer dos profissionais conhecimentos e habilidades adequados às mudanças que o mercado exige, pois são estas pessoas que farão a diferença em qualquer setor da economia (Oliveira, 2002; Batalha, 2005). Mas o egresso não poderá ter uma visão global e sistêmica dos problemas da agricultura e muito menos da maneira que deverão ser solucionados em forma

integral, se durante o seu período de formação universitária estuda sob a forma de fragmentos e compartimentos estanques (Lacki, 1999).

CONCLUSÕES

Contudo, é possível observar que a grande maioria dos acadêmicos de Agronomia da Unioeste é do sexo masculino, os quais buscam aprimorar seus conhecimentos além do que é repassado em sala de aula, através de projetos das diversas modalidades, destacando-se a de pesquisa.

Apesar disso, muito ainda preferem trabalhar na área de assistência técnica e extensão rural, pois é a que mais disponibiliza vagas para estes profissionais, formados na região de estudo.

Muitos já ingressaram na Universidade pensando em qual área irão atuar futuramente. Este pensamento é importante, pois sabendo dos objetivos na futura profissão, o aprimoramento dos conhecimentos nas áreas desejadas é de fato mais eficaz.

Outra observação importante foi o aumento no interesse em realizar uma pós-graduação, a qual implica, no desejo de sempre estar aprimorando seus conhecimentos, que de fato, é exigido pelo mercado de trabalho atual.

REFERÊNCIAS

- AHRENS, S.B. **O engenheiro agrônomo sob um olhar interdisciplinar**. 2003. 78p. Dissertação (Mestrado em Agronomia) – UFPR, Curitiba, 2003.
- ARTUZO, D.D.; JANDREY, W.F.; DREBES, L.M.; MARCHI, P.M.; SILVA, V.R. Perfil dos ingressantes do ensino superior do curso de agronomia da UFSM *campus* Frederico Westphalen. **Enciclopédia Biosfera**, Goiânia, v.8, n.15, p.2528-2540, 2012.
- BATALHA, M.O.; RINALDI, R.N.; LACAVALA, T.; MARCHESINI, M.M.P.; BERGAMASCHI, M.; COSTA, M.A.B. **Recursos humanos e agronegócio**: a evolução do perfil profissional. Jaboticabal: Novos Talentos, 2005.
- CAPOVILLA, S.L.; SANTOS, A.A.A. Avaliação das influências de atividades extramuros no desenvolvimento pessoal de universitários. **Psico USF**, Bragança Paulista, v.6, n.2, p.49-57, 2001.
- CAVALLET, V.J. **A formação do engenheiro agrônomo**: a expectativa de um profissional que atenda as demandas sociais do século XXI. 1999. 135p. Tese (Doutorado em Educação) – FEUSP, São Paulo, 1999.
- FIOR, C.A.; MERCURI, E. Formação universitária: O impacto das atividades não obrigatórias. **Psicologia da educação**, São Paulo, v.2, n.29, p.191-215, 2009.

LACKI, P. A formação de profissionais para profissionalizar agricultores: e para o difícil desafio de produzir mais com menos. **Educação Agrícola Superior**, Brasília, v.17, n.01, p.13-21, 1999.

LANG, W. **Resolução nº1.010, de 22 de agosto de 2005**. Disponível em: <http://normativos.confea.org.br/ementas/visualiza.asp?idEmenta=550&idTiposEmenta>. Acesso em: 03 de abr. 2015.

MARTINS, C.R.S. **Engenharia Agrônômica**: Características da carreira em nível superior. Piracicaba: ESALQ, 1989.

MOURA, O.N.S. **A nova realidade no contexto da formação profissional de Agronomia**. 2005. 239p. Tese (Doutorado em Agronomia). UFRGN, Natal, 2005.

NEIVA, K.M.C. Fim dos estudos universitários: Efeitos das dificuldades do mercado de trabalho na representação do futuro profissional e no estabelecimento de projetos pós-universitários dos estudantes. **Psicologia USP**, São Paulo, v.7, n.1-2, p.203-224, 1996.

OLIVEIRA, A.L. **Aprendizagem organizacional à distância**: Uma proposta de avaliação de melhoria do RH através da educação à distância. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção). UFSC, Florianópolis, 2002.

PACHANE, G.G. **A universidade vivida**: A experiência universitária e sua contribuição ao desenvolvimento pessoal do aluno. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

ROESCH, S.M. **Projetos de estágio e de pesquisa em administração: guia para pesquisas, projetos, estágios e trabalho de conclusão de curso**. São Paulo: Atlas, 2005. 336p.

ROMÃO, A.L. **A percepção dos egressos do curso de agronomia da UFSC formandos na última década em relação à sua formação acadêmica e ao mercado de trabalho**. Trabalho de conclusão de curso (Agronomia). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

SUPER, D.E.; SAVICKAS, M.L.; SUPER, C.M. The life-span, life-space approach to careers. **Journal of Vocational Behavior**, Cambridge, v.16, n.3, p.282-298, 1980.

WILKINSON, B. Present values of lifetime earnings for different occupations. **Journal of Political Economy**, Chicago, v.74, n.6, 1966.